FREDERICO EDELWEISS

CAMARAJIPE
E
LAGOA ABAITÉ

SALVADOR BAHIA — 1969

CAMARAJIPE E LAGOA DO ABAITÉ

FREDERICO EDELWEISS

Formam legião os onomásticos geográficos cuja estrutura mórfica primitiva se alterou e cujo significado original, por êste ou qualquer outro motivo, se empanou no correr dos tempos. Tal desenvolvimento deletério é facilitado entre nós pelo desconhecimento crescente dos rudimentos da língua tupi, donde procede a maioria dos nossos nomes de acidentes geográficos, somado ao vèzo comum de reproduzir confiadamente o que consta de quaisquer fontes antigas.

Bastem por hoje dois exemplos dos mais atuais: *Camarajipe* e *Lagoa Abaité*, aqui citados por ordem cronológica do seu registro histórico e cuja retificação urge encaixar no louvável movimento restaurador dos nomes tradicionais do Município do Salvador.

Camarajipe (e não *Camarojipe* ou *Camurujipe*) é o nome do rio que deságua na Mariquita.

Que nos conste, ocorre pela primeira vez numa carta quadrimestral jesuítica, de janeiro de 1557, num registro deveras interessante e precioso para os fastos do nosso arrabalde do Rio Vermelho.

Ei-lo:

«O que depois disto sucedeu» (no quadrimestre de setembro a dezembro de 1556) «foi a fundação da igreja do Rio Vermelho, para cujo princípio (se) ordenou o padre Antônio Rodrigues, que, em mui breve, com a graça do Senhor e ajuda dos índios fêz uma ermida junto de sua aldeia, situada em um outeiro, um tiro

do mar, ao pé do qual está um rio, que os índios chamam *Camarajipe* (1), que em nosso vulgar chamamos *Rio Vermelho*» (2).

Em primeiro lugar ressalta dêste trecho para o nosso escopo a identidade dos nomes *Camarajipe* e *Rio Vermelho*. Mas, esta sinonímia não implica correspondência etimológica, ainda que haja contatos.

Camarajipe é um complexo vocabular descritivo, segundo a índole tupi, que se compõe de:

camará (também *cambará*) — nome de várias plantas (2A);
j (3) .... — fonema eufônico;
i (por Y tupi) .... — água, rio;
pe .... — em, a, para, por.

A tradução correta, conseguida pela leitura a partir do fim e considerado que o têrmo inicial em tais compostos, no caso *camará*, tem a função de adjunto adnominal preposicionado do seguinte, aqui de y, dá-nos o sentido exato de «(*No*) *Rio dos Camarás*».

Evidentemente, os nossos índios não apelidaram o nosso *Rio Vermelho de Camarajype*, mas sim de *Camarajy*, que é *Rio dos Camarás*.

Por que, então, *Camarajype?*

Muitos dos nossos nomes geográficos costumam ter a partícula final *pe*, que em alguns casos se abranda mais tarde em *be* e,

---

(1) — No original, *Cartas Jesuíticas II*. — *Cartas Avulsas*, p. 158, *Camaragipe*. — Não atinamos com o motivo que levou Afrânio Peixoto a grafar *Camarajibe*, na nota 103, dedicada ao têrmo, à p. 163. — *Serafim Leite*, *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil;* São Paulo, 1954, p. 350, nota 17, imita-o.
A posposição *be* em lugar de *pe*, após substantivos, é desenvolvimento irregular da língua-geral, ou seja o tupi dos mestiços e colonos.

(2) — *Idem: ibidem.*

(2A) — A designação *camará* ou *cambará* compreende diversos gêneros de plantas com as suas espécies. Veja *Inácio de Menezes* — *Flora da Bahia*; vol. 264 da série Brasiliana.

(3) — Escrito com *g* no original.

depois de fonemas nasalados, em *me*. É átona e como tal se pronuncia num fôlego com o respectivo substantivo ou pronome, fato que favoreceu a sua incorporação.

Quanto à origem dessa particularidade, ainda convém lembrado que, na linguagem corrente, os nomes geográficos ocorrem com muito maior freqüência preposicionados do que isoladamente: Vai-se *a* tal rio; *para* certa aldeia; o informante caçava *por* tal monte, ou pescava *em* determinada lagoa ou enseada. Tôdas estas preposições se traduzem no tupi pela posposição *pe* a que já nos referimos (4).

A incorporação descabida desta partícula, como vimos, no têrmo *Camarajipe*, começou muito cedo e nasceu da irreflexão e do conhecimento superficial do tupi. O seu uso propagou-se com a língua-geral, que, ao contrário do que muitos pensam, já não era a língua castiça dos índios, mas um tupi gradativamente deturpado na bôca dos colonos e mestiços ignaros e completamente alheios à correção etimológica do léxico indígena.

Encontramos assim, a par de *Ceriji* (5) e *Rembé* (6), registrados por Anchieta, *Cerijipe*, também usado por êle pelo menos uma vez (7), e *Rembepe*, já consignado pelo língua jesuíta Antônio Rodrigues, em 1559 (8). Anchieta refere ainda *Jaquari* (9) e *Jacuí* (10), que não tardaram a transformar-se em *Jaguaripe*, *Jaguaribe* e *Jacuipe*, tal como *Pari* (11) e *Caapuã* (12) se modificaram para *Paripe* e *Capuame* (13).

---

(4) — As preposições neolatinas correspondem *posposições* no tupi.

(5) — Anchieta, J. — ; Cartas etc. pp. 372 e 374. *Agua ou Rio dos Siris.*

(6) — Idem; ibidem; p. 352. *Rembé* por *aférese* de *y-rembé* — *beira d'água.*

(7) — *Id. ibid.* p. 355.

(8) — *Leite, Serafim —; Cartas dos primeiros jesuitas*, vol. III p. 127. — Hoje *Arembepe* por *y-rembé-pe* — *à beira d'água.*

(9) — *Cartas etc. p.* 355. — *Rio da (s) Onça (s).*

(10) — Ibidem; p. 353 — *Rio do (s) Jacu (s).*

(11) — *Cêrca* ou *tapume de pescar.*

(12) — *De caá — mato* e *apuã — ponta = ponta de mato.*

(13) — Aqui *pe posposto a capuã (contração de caá + apuã)* abranda-se em *me*, por influência do fonema nasal *ã*.

Às tais formas secundárias em *pe* (*be*, *me*) opõem-se claramente as mòrficamente corretas, despidas desta posposição, conforme vemos em tantos nomes geográficos dos mais antigos, como *Itapuã*, *Paraguaçu*, *Pirajá*, *Aratu* e *Tinharé*, para não sairmos dos arredores.

Quanto à identificação da planta que deu origem a *Camarajipe*, o correspondente português, Rio Vermelho, sugere tratar-se do *camará vermelho*, ou seja, segundo Inácio de Menezes, a *Lantana Camará L*, ou ainda a *Lantana Aculeata L*, uma das várias espécies, a mais representativa do gênero *Lantana*.

É uma verbenácea arbustiva, de caule quadrangular, fôlhas ovalares, escabrosas, aromáticas e serrilhadas. As suas flôres são vermelhas, em capítulos no vértice de longa fuste. A espécie é melífera, peitoral, febrífuga, tônica e vistosamente ornamental.

Há entre as lantanas uma espécie de flôres alvas e mais uma de flôres alternativamente brancas, amarelas e vermelhas

Fernão Cardim refere outra, ao que parece, o *camará de fôlha grande* (Lantana Macrophylla Sch.) Diz êle:

«Esta erva se parece com silvas de Portugal; coze-se em água e a dita água é único remédio para sarnas, boubas e feridas frescas, e, quando as feridas se curam com as fôlhas de figueira (umbaúba)....... .. ..
se lava a ferida com água desta erva, cuja flor é formosíssima; parece cravo amarelo e vermelho, almiscarado, e destas se fazem ramalhetes para os altares» (14).

É a esta espécie descrita por Cardim que Afrânio Peixoto atribui a origem do nome *Rio Vermelho*. Entretanto, à vista da existência de outra muito comum e nìtidamente vermelha, essa opinião parece pelo menos questionável.

A forma *Camarajipe* manteve-se até meados do século dezoito, pois ainda aparece no edital da Junta, que, a 12 de outubro de 1761, pôs em arrematação os bens do Colégio dos jesuítas na Bahia (15).

---

(14) — *Do Clima e Terra do Brasil; Tratados* etc. p. 76; Rio, 1925.

(15) — *Manuscrito do Instituto Geogr. e Hist. da Bahia* já referido por *Serafim Leite* — *História* etc. vol. V. p. 579.

Daí por diante o vocábulo sofre pequena modificação, isto é, pequena nos fonemas, mas grave no sentido. Luís dos Santos Vilhena (16) já traz *Camurugipe*, sugerindo tàcitamente a conexão com um peixe, o *robalo* — o *camuri, camorim*, ou *camuru* dos nossos pescadores.

No desconhecimento da verdadeira origem do nome e da sua analogia com *Rio Vermelho*, devia mesmo parecer natural, que um rio lembrasse um peixe muito comum em águas profundas por ocasião da desova.

Teodoro Sampaio, igualmente desprovido das achegas primárias, adotou a mesma grafia, justificando-a pela suposta etimologia tupi de *camury-jy-pe* — *(no) Rio dos Robalos* (17).

Varnhagen mantivera a mesma etimologia, mas reduzira o nome para *Camuruji*, traduzindo-o, «segundo Anchieta», por *Rio dos Robalos*; porém, não foi êste o nome, que a testemunha presencial da fundação do futuro arrabalde do Rio Vermelho registrou, e sim o de *Camarajipe*.

Consigne-se aqui, entre parênteses, que não conseguimos localizar tal afirmativa de Anchieta.

Ùltimamente se encontra com maior freqüência a grafia *Camarojipe*, adotada por Borges de Barros, justamente aquela que etimològicamente nada significa (19).

Agora que se abre o vale do *Camarajipe* à urbanização, nada mais oportuno do que oficializar a verdadeira grafia do seu nome histórico.

LAGOA ABAITÉ

Em contradição flagrante com a Ciência da Linguagem, da Etnologia e da sua própria realidade notabilizante está o nome *Lagoa do Abaeté*, que tantos por aí errôneamente alardeiam em vez de *Lagoa Abaité*.

---

(16) — *Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas;* vol. I. p. 39.

(17) — *O Tupi na Geografia Nacional.*

(18) — *História Geral do Brasil;* 3.ª ed. vol. I. p. 299.

(19) — *Dicionário Geográfico e Histórico da Bahia;* Bahia, 1932; p. 19.

Abaité é um velho têrmo tupi-guarani, que, na onomástica geográfica, foi traiçoeiramente suplantado por um sósia.

Expliquemos:

Tanto no tupi, como no guarani, existem dois parônimos, que inicialmente considerados homógrafos por engano, ainda hoje teimam por confundir-se em denominações geográficas através da forma única e desnorteante de *Abaeté*.

Referimo-nos aos vocábulos *abá-eté* e *abaité*.

O primeiro é um substantivo, composto de *abá* — *índio*, *varão*, e *eté*, que se traduz por *genuíno*, *de valor* e na função adverbial por *muito*. Portanto, *abá-eté* é *homem abalizado*, *de valor*

O segundo é um adjetivo, de progênie menos transparente mas com nítido aspecto de superlativo, significando *terrível*, *medonho*, *disforme*, *pavoroso*, *funesto*.

Os antigos vocabulários jesuítas consideravam homônimos os dois têrmos, estabelecendo, sem dúvida, ocasionais mal-entendidos, que continuaram medrando na língua-geral, que é o tupi dos colonos e mestiços, iletrados em sua maioria. Fixara-se, assim, a despeito da sua origem díspar, a forma única e enganadora de *abaeté* em tôda uma série de localidades e rios, numa serra, numa ilha e numa lagoa muito nossa conhecida.

Na maioria dos casos, o conhecimento histórico das condições locais e da tradição amparará com argumentos muito mais plausíveis um qualificativo à moda indígena como *abaité* — *terrível*, *medonho*, *funesto*, que evoca a lembrança da topografia rebarbativa, das circunstâncias fortuitas ou adversas, por ocasião do seu descobrimento ou de uma perlustração, do que um genérico insólito e inexpressivo como *homem abalizado*, *homem honrado*, que dificilmente cabe em nossos ermos do passado, apadrinhando os mais variados acidentes geográficos. Sem dúvida alguma há, pois, entre os nossos nomes geográficos mais de um *abaeté*, onde com muito mais razão caberia *abaité*.

Para coonestar a impropriedade, manifesta em alguns casos, pretendeu-se traduzir abá-eté por *mago*, *feiticeiro*, dando a *eté* uma acepção que não tem.

Os feiticeiros tupis chamavam-se *pajé* (20) e, quando algum se tornava notável por sucessivos acertos, era apelidado *pajé-guaçu* (21). Havia ainda grandes feiticeiros itinerantes, portadores de um ídolo-oráculo, a *santidade;* a êstes davam o nome de *caraíba*. Nenhuma conexão existe entre êstes títulos e o de *abá-eté*, a que numerosos índios de certa idade faziam jus.

Isto pôsto, qual é a definição que cabe ao nome da nossa decantada lagoa de Itapuã?

Auscultemos primeiro a tradição do povo.

Dorival Caymmi resume-a cabal e poèticamente com três exemplos, no seu *Cancioneiro da Bahia* (22), que extraímos das suas estrofes:

No Abaeté tem uma lagoa escura,
Arrodeada de areia branca.

....

Se uma lavadeira
Vai lavar roupa no Abaeté,
Vai-se benzendo,
Porque diz que ouve,
Ouve a zuada
Do batucajé.

....

O pescador
Deixa que seu filhinho
Faça o que quisé,
Mas dá pancada, se o filhinho brinca
Perto da Lagoa
Do Abaeté

....
....

(20) — Composto de *pai* — *senhor*, *pai* (têrmo reverencial) mais *é* — diferente, distinto, que reforça o primeiro.

(21) — *Feiticeiro-mor*. De acôrdo com as principais atividades, os pajés ainda tinham outros designativos.

(22) — Livraria Martins Editôra; São Paulo, s. d. p. 21.

A noite «tá que é dia»,
(Diz alguém olhando a lua).
....
....
(A gente imagina
Quanto a lagoa linda é)
A lua se enamorando
Nas águas do Abaeté.
Credo! Cruz!
Te disconjuro;
Quem falou em Abaeté?

E, Odorico Tavares, no seu livro «Bahia», todo rescendente a enternecida simpatia, condensa opinião idêntica nestas palavras:

«A lagoa escura, arrodeada de areia branca, continua a ser um motivo perturbador, de encanto, de mistério, de terror para a população negra da Bahia» (23).

Não só dos negros, acrescentamos nós, mas um pouco de todos aquêles que cresceram sob a influência direta ou indireta de mães pretas, que entre nós transfundiram as suas ingênuas crendices e os seus velhos temores nos embaladores acalantos.

Reparemos, em ambas as transcrições, a referência a práticas e abusões africanas, quando, ao contrário, como vimos, o nome aponta origens indígenas. A verificação sugere, pois, a presença de crenças de fora a se misturarem ao elemento aquático primitivo. É um ponto que merece aflorado, com a indicação perfunctória das diferenças essenciais entre o mito tupi e o sincretismo dominante entre a nossa população de origem africana.

A mitologia tupi possui apenas uma casta de entes aquáticos, ora fêmeas, ora machos, porém sempre cruéis e funestos, os *Ypupiaras*.

A *y-iara* ou *u-iara* do lendário amazônico é de importação européia e africana; o seu nome tupi, literalmente *dona d'água*, é uma contrafação de *mãe-d'água*.

---

(23) — Rio, 1961; p. 105.

Eis, agora, como Fernão Cardim nos pinta, na sua linguagem pitoresca e um tanto desajeitada, os *ypupiaras tupis*:

> «Êstes homens marinhos se chamam na língua (24) *Ypupiara*. Têm-lhes os naturais tão grande mêdo, que só de cuidarem nêle morrem muitos e nenhum que o vê escapa. Alguns morreram já, e, perguntando-lhes a causa, diziam que tinham visto êste monstro.
>
> «Parecem-se com homens pròpriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As fêmeas parecem mulheres; têm cabelos compridos e são formosas.
>
> Acham-se êstes monstros nas barras dos rios doces.
>
> Em Jaguaripe, sete ou oito léguas da Bahia, se têm achado muitos ....
>
> ....
>
> O modo que têm em matar é: Abraçam-se com a pessoa tão fortemente, beijando-a e apertando-a consigo, que a deixam feita tôda em pedaços, ficando inteira, e, como a sentem morta, dão alguns gemidos, como de sentimento, e, largando-a, fogem. E, se levam alguns, comem-lhes sòmente os olhos, narizes e pontas dos dedos dos pés e mãos e as genitálias, e assim os acham de ordinário pelas praias com essas coisas menos» (25).

A Lagoa Abaité, a julgar pela acepção do têrmo, devia abrigar os seus *ypupiaras* nas profundezas das suas águas negras. Afogamentos sucessivos e misteriosos torná-la-iam mal-afamada desde as eras remotas dos tupinambás.

Se, portanto, o verdadeiro sentido do seu nome caiu no esquecimento, bem viva lhe ficou a fôrça misteriosa, que continua sorvendo os incautos, para mantê-los, por longas horas, no seu pego fatídico. Sem conta são, em nossos jornais, os registros de mergulhos fatais, que, parece não terem fim.

---

(24) — Em tupi.

(25) — *Tratados da Terra e Gente do Brasil*; Rio, 1925; pp. 89-90 e 139 *Ypupiara* significa literalmente *o de dentro d'água*.

Essa fama sinistra do *Abaité* devia constituir enigma cruciante para o nosso povo simples, imbuído de idéias míticas africanas, já que no Velho Mundo o culto das águas se acha intimamente ligado ao complexo materno. *Iemanjá* é a deusa dos rios, das fontes e dos lagos, a Mãe-d'água, enfim. Mesmo quando, nos candomblés-de-caboclo, *Iemanjá* toma feições de sereia e, portanto, pode ser fatal pela sedução, predomina sempre um simbolismo de amparo e proteção.

Como, então, coadunar a realidade apavorante do *Abaité* com as superstições de fundo africano dos nossos praieiros?

Nesta altura, com maior verossimilhança do que em outros lugares de nome idêntico, entrou a interpretação dos pseudo-entendidos, valendo-se da acepção mais corrente, *abá-eté*. Mas, para chegarem a um entroncamento aceitável, ainda se viram obrigados a traduzí-lo forçadamente por *feiticeiro, pai-de-santo*, na suposição gratuita de um dêstes, em tempos idos ter levantado a sua cabana em ambiente tão sugestionável.

Nenhum registro histórico nem a etimologia apoiam semelhante interpretação. O nome, como vimos, é tupi, mas entre êles não se aplicava aos feiticeiros, e, mais tarde, os africanos não lançariam mão de uma palavra tupi, que não entendiam, preterindo denominações que lhes eram familiares.

Por tudo isto, a *Lagoa Abaité* é *Lagoa Funesta, Lagoa Temerosa*, a que, nem a areia branca, que a emoldura, nem a lua de prata, que nela se contempla, conseguem atenuar a fama e o aspecto sinistros da sua linfa traiçoeira.

Cidade do Salvador, 29 de abril de 1969.